

**A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA
DE ÁLVARES DE AZEVEDO¹**

**THE FEMALE DUALITY AT NOITE NA TAVERNA
BY ÁLVARES DE AZEVEDO**

Juliana Almeida Ferreira² (UEG)

Márcia Maria de Melo Araújo³ (POSLLI/UEG)

RESUMO: Álvares de Azevedo, escritor da 2ª. geração do Romantismo, conhecida como a era dos poetas ultrarromânticos, aborda em suas obras um amor intenso acompanhado de um desejo impetuoso pela figura feminina. Nesse sentido, este trabalho tem como foco a representação da mulher em *Noite na Taverna* (1855) ora apresentada de forma angelical ora má, indicativo da dualidade feminina presente nessa narrativa. Nota-se uma remissão às mulheres medievais, em especial, das cantigas de amigo, cuja dualidade pode ser satisfatoriamente comparada à apresentada na novela de Azevedo. Para sustentar a pesquisa, o aporte teórico embasa-se em *A educação pela noite e outros ensaios* (1987) de Antonio Candido, assim como em *História concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bosi (2004), em *Mulher Medieval e trovadorismo galego-português – o feminino e a feminização nas cantigas de amigo* de Araújo e Fonseca (2015), em *Poesia brasileira e estilos de época* de Alcmeno Bastos (2012), entre outros.

Palavras-chave: *Noite na Taverna*. Representação feminina. Dualidade. Mulher medieval. Cantigas de amigo.

ABSTRACT: Álvares de Azevedo, writer of the 2nd. generation of Romanticism, known as the era of ultra-romantic poets, addresses in his works an intense love accompanied by a fiery desire for the female figure. In this sense, this work focuses on the representation of the woman in *Noite na taverna* (1855) sometimes presented in an angelic or a bad way, indicative of the female duality present in this narrative. One notices a remission to medieval women, especially cantigas de amigo, whose duality can be satisfactorily compared to that presented

¹ Este artigo é resultado parcial do Projeto de *Pesquisa Literatura e Práticas de Ensino numa Perspectiva Intercultural*, sob a coordenação da professora doutora Márcia Maria de Melo Araújo e apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq).

² Graduada do Curso de Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: juhalmfer2508@gmail.com

³ Pós-doutora pelo Programa de Pós-doutorado no Exterior da CAPES, sob a supervisão da professora catedrática Doutora Maria Laura Bettencourt Pires do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/CNPq). E-mail: marcia.araujo@ueg.br.

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

in the novel by Azevedo. To support the research, the theoretical contribution is based on A educação pela noite e outros ensaios (1987) by Antonio Candido, as well as on História concisa da Literatura Brasileira by Alfredo Bosi (2004), on Mulher Medieval e trovadorismo galego-português – o feminino e a feminização nas cantigas de amigo by Araújo e Fonseca (2015), and on Poesia brasileira e estilos de época by Alcmeno Bastos (2012), among others.

Keywords: *Noite na Taverna. Female representation. Duality; Medieval Woman; Friends songs.*

1. Introdução

No curso de Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas, tivemos a oportunidade de contato com as obras do escritor brasileiro Álvares de Azevedo, entre as quais destacamos o livro de contos ou novela *Noite na Taverna*, pela forte representação feminina. Chamou-nos a atenção as semelhanças entre o trabalho do escritor brasileiro e o do escritor inglês Lord Byron. As obras de ambos possuem particularidades que as aproximam, tais como a presença de ambientes sombrios e obscuros na narrativa, o mistério, a fantasia, assim como o misticismo. As suas narrativas refletem o ambiente de sua época, em que a literatura estava impregnada de pessimismo, de morbidez e da presença da morte.

Durante a leitura de *Noite na Taverna*, tornou-se evidente que as figuras femininas na obra de Azevedo foram construídas de forma com que elas carregassem uma binomia, ou seja, uma dualidade. Esta dualidade parece melhor definida através de suas ações e, até mesmo, dos sentimentos, que variam, ora apresentados de forma angelical, ora com certa maldade pelas personagens femininas.

Outro aspecto importante a ser debatido neste artigo corresponde à erotização da mulher. Em vários momentos, essas mulheres são vistas como objeto para satisfazer os desejos masculinos e demonstram um sentimentalismo excessivo. Contudo, em outros momentos, elas são inalcançáveis e inatingíveis, ou seja, são apenas sonhos e ilusões das personagens. Alcmeno Bastos (2012, p. 47) nomeia esta visão erótica da mulher e este desejo como escapismo e onirismo, e discorre que “O onirismo, se por um lado compensa a ausência da amada [...], por outro serve também para reforçar o clichê romântico da inacessibilidade da virgem”. É neste âmbito que se desenvolve a dualidade das personagens, que ora são apresentadas como a virgem pura e boa, ora como pecaminosas e com sentimento de maldade.

A dualidade presente nas personagens femininas na narrativa de Álvares de Azevedo possui raízes ou marcas da Literatura da Idade Média, conhecida pela forma

hierarquizada no tratamento da “mia senhor”, e que nos pareceu estar associado simbolicamente com o erotismo difuso ou obsessivo do romantismo brasileiro como, por exemplo, a visão da virgem.

A nosso ver, a narrativa de Álvares de Azevedo se aproxima das cantigas de amigo, pois ambas apresentam em seu conteúdo a personalidade dicotômica das mulheres a partir de um observador masculino e a representação simbólica e imaginária da mulher com a prevalência do desejo erótico e da paixão. Dessa forma, este artigo busca entender e analisar esta aproximação, assim como conhecer um pouco mais das cantigas de amigo e das figuras femininas de *Noite na Taverna*.

2. Álvares de Azevedo

Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852), mais conhecido como Álvares de Azevedo, foi um escritor e poeta romântico, escreveu *Noite na Taverna*, composto de sete contos, e pertenceu à geração do ultrarromantismo brasileiro. Nessa fase, segundo Alfredo Bosi (2004, p.110), os autores mergulhavam em “um progressivo dissolver-se de hierarquias (Pátria, Igreja, Tradição) em estados de almas individuais”, reunindo natureza e passado para compor seus mitos poéticos. A produção literária do poeta brasileiro é repleta de temáticas que envolvem amor, tédio, dúvida e morte. Esses aspectos, em especial nos contos de amor e ódio, estão presentes em *Noite na Taverna*.

Alguns críticos, como Mario de Andrade, Jamil Haddad e Dante Moreira Leite, concordam que Álvares de Azevedo recebeu influência do escritor inglês Lord Byron. Ambos apresentam em suas obras características góticas, traços de uma literatura fantástica, com tópicos misteriosos, ambientes sombrios, obscuros e em sua maioria noturnos. Nesse sentido, Álvares de Azevedo deu início à Literatura Gótica no Brasil, sendo um dos primeiros escritores a descrever o ambiente gótico. Alcmeno Bastos (2012, p. 51) diz que

Também o sobrenatural teve pequena voga na poesia romântica brasileira, marcada muito mais pela solaridade da paisagem tropical, carente das Também o sobrenatural teve pequena voga [...]. O exemplo mais expressivo dessa tendência foi, na prosa de ficção, a novela *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, e é significativo que nela as personagens tenham nomes tipicamente europeus – [...] assim como estejam presentes os elementos do roman noir, do gótico, tais como “lugar escuro”, o “caixão entreaberto”, a “mortalha” etc.

Dada esta afirmação, torna-se possível assegurar que a ambientação de *Noite na Taverna* auxilia na formação das personagens, ou seja, a construção das personagens femininas apresentadas com uma dualidade de personalidade é postulada através desse ambiente gótico, pois, na maioria das vezes, as mulheres possuem marcas sombrias assim como esse ambiente.

O livro é composto por sete contos, ou se entendido como novela é composto por sete partes, cada qual relatando as experiências vividas pelas personagens masculinas com as mulheres desejadas. A primeira parte (Uma noite do século) apresenta-se como uma introdução da narrativa, em que cinco homens se encontram em uma taverna onde expõem suas angústias e aventuras amorosas. Nessa primeira parte, é possível observar inúmeras características do mal do século, tais como sentimentalismo excessivo, certa morbidez e lamentações experienciadas. As personagens evidenciam um desejo pelo sofrimento e pela mortificação. Alcmeno Bastos (2012, p.52) afirma que estas atitudes são vistas como “[..] atitude de permanente desencanto perante a vida, de submissa entrega à melancolia, de pessimismo nem sempre justificado”.

Outro aspecto pertinente na obra de Álvares de Azevedo é o fato de que a binomia presente em *Noite na Taverna* é característica marcante na Literatura da Idade Média em especial nas cantigas de amigo. Antonio Candido (1987, p. 10-11) discorre que Álvares de Azevedo

[...] chamava de “binomia”, isto é, a coexistência e choque dos contrários, um dos pressupostos da estética romântica. Essa teoria justifica o esforço para dar realce ao embate das desarmonias, superando o equilíbrio do “decoro” e as normas que regiam e procuravam tornar estanques os gêneros literários. É o que se vê nas obras [...] cujo temário repousa numa psicologia tempestuosa, enquanto a organização formal mistura [...] o “horrrível” ao “sublime” e ao “belo doce e meigo”.

Levando em consideração a afirmação de Antonio Candido, é possível afirmar que as personagens femininas da novela de Álvares de Azevedo foram idealizadas com esta dualidade, como diz o crítico, para realçar a narrativa e marcar a característica romântica.

3. A dualidade feminina nas cantigas de amigo

Assim como na obra de Álvares de Azevedo, *Noite na Taverna*, a dualidade feminina também se faz presente na Literatura Medieval, em especial nas cantigas de amigo,

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

do movimento trovadoresco. Dessa forma, este artigo analisa algumas cantigas, juntamente com a novela, para entender e pontuar as semelhanças de forma mais precisa.

Segundo Araújo e Fonseca (2015, p. 20-21), a respeito da imagem da mulher na lírica profana galego-portuguesa, notam-se

[...] certos aspectos, segundo os quais ela é colocada na posição sobredeterminada e polarizada de imagens contraditórias, a exemplo do que acontecia na vida real da Idade Média em que a mulher era tratada, segundo textos legados dessa época, entre adoração e difamação simultâneas feitas, de um lado, à mulher perfeita, com atributos oriundos da Virgem Maria, e de outro, à mulher diabolizada, resquílios da culpa de Eva pelo paraíso perdido.

Dessa forma, nos cancioneiros galego-portugueses, há imagens da mulher ora sedutora, erotizada e livre para amar, ora a mulher recatada, silenciada e que segue a vontade da voz masculina. Assim, levando em consideração o objetivo deste artigo, que é o de analisar a dualidade feminina presente na obra de Álvares de Azevedo e observando a citação acima, torna-se possível afirmar que existem semelhanças marcantes entre ambas as composições, visto que se sucede a representação de mulheres que apresentam características que se opõem, mas que coexistem e se sobressaem em sua personalidade.

Das semelhanças entre as mulheres das cantigas de amigo e a figura feminina presente em *Noite na Taverna*, observamos que ambas apresentam “aspectos da intemperança e da incontinência que fazem parte do desequilíbrio, da falta de controle racional ou de bom uso da razão, sugerindo uma imagem do feminino sobredeterminada e comprometida com os sentidos” (ARAÚJO; FONSECA, 2015, p. 179). Entre as semelhanças, a que possui maior notoriedade, a nosso ver, é a manifestação da ambiguidade na personalidade dessas mulheres. Esse ambíguo se divide em a mulher profundamente má e a mulher profundamente inocente. Como já foi postulado anteriormente, todas as personagens femininas da novela de Álvares de Azevedo carregam essa binomia.

Tendo em vista essa dualidade, vale a pena ressaltar algumas marcas misóginas que influenciaram o pensamento sobre a mulher e que, com frequência, ainda na atualidade, sustentam uma concepção da hierarquia e divisão entre os sexos, principalmente atitudes que representam o mal e o bem na visão do mundo ocidental. Basicamente esses dois lados, ou seja, o bem e o mal, são postulados através de conceitos estabelecidos ideológica e culturalmente. Segundo Araújo e Fonseca (2015, p.39),

[...] os defeitos do feminino foram inventariados, principalmente, pelos religiosos que viviam a recusa da carne e o distanciamento do polo feminino, do qual apontaram, sobretudo, sua negatividade em torno de algumas noções-chave: o corpo e o seu ornamento, a palavra e seus abusos, a virgindade e as diversas maneiras de violar o estado perfeito, que seria a castidade.

Para São Jerônimo, um dos pioneiros da patrística medieval, por exemplo, a imagem e figura da Virgem Maria representam a pureza, a bondade e a virgindade da mulher, já a mulher má é comparada à Eva, a que traiu a confiança de Deus. Em seu *Adversus Jovinianum* [Contra Joviniano], obra escrita em 393, o Santo defende o ideal cristão da virgindade e culpa as mulheres de serem a origem de todos os males porque seduzem os homens, desviando-os de uma vida reta e levando-os aos prazeres viciosos. No mesmo sentido, Tertuliano, no seu *De cultu feminarum*, define Eva como a “porta do diabo”, incentivando assim a conhecida imagem da mulher como instrumento diabólico.

Sendo assim, a moça para ser semelhante à Maria deveria ser pura, ou seja, manter sua virgindade. Em oposição, a mulher má é vista como pecadora, após perder sua honra, ou ao cometer atos contrários ao que é considerado correto perante o decoro social. A exemplo, ilustramos uma cantiga de Estevam Coelho, trovador de origem portuguesa, que dá um tratamento de certa liberdade para a moça:

Se oj’o meu amigo
soubesse, ’iria migo:
eu al rio me vou banhar.

Se oj’el este dia
soubesse, migo iria:
eu al rio me vou banhar.

Quem lhi dissess’atanto,
ca já filhei o manto:
eu al rio me vou banhar.
(n. 322 e 721, CLVI, NUNES, 1973, p. 142)

Nessa cantiga, a amiga está indo banhar-se no rio, sem qualquer impedimento por parte de sua família, pois a mulher na Idade Média não podia sair sem um acompanhante. E a sensualidade da amiga está em mostrar sua nudez ao amigo: “ca já filhei o manto” que significa que já tirou a roupa. Para Araújo e Fonseca (2015, p. 53), “o recurso usado pelo trovador, ao compor o cenário com a nudez da amiga como convite aberto ao tratamento da conquista enquanto referência sexual, torna-se um dos artifícios retóricos centrado na

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

superintendência do masculino”. Em outras palavras, a ausência do amigo evidencia a escassa capacidade de movimento da amiga, a espera do amigo. Ela se limita a esperar que os acontecimentos ocorram ou não por parte do homem, daí parecer residir no elemento masculino a decisão para que algo aconteça ou não.

A visão do trovador acerca da mulher parece comprometida com as suas prerrogativas ideológicas, como podemos analisar nessa outra cantiga de amigo:

[Levou-s’a louçana],
levou-s’a velida;
vai lavar cabelos
na fontana fria,
leda dos amores,
dos amores leda.

[Levou-s’a velida],
levou-s’a louçana;
vai lavar cabelos
na fria fontana,
leda dos amores,
dos amores leda.

Vai lavar cabelos
na fontana fria;
passa seu amigo,
que lhi ben queria,
leda dos amores,
dos amores leda.

Vai lavar cabelos
na fria fontana,
passa seu amigo
que a muit’ama,
leda dos amores,
dos amores leda.

Passa seu amigo
que lhi ben queria;
o cervo do monte
a augua volvia,
leda dos amores,
dos amores leda.

Passa seu amigo
que a muit’ama;
o cervo do monte
volvia a augua,
leda dos amores,
dos amores leda.

(n. 793 e 1188, CCCCXV, NUNES, 1973,p. 375-376).
(ARAÚJO; FONSECA, 2015, p. 171)

Notamos, nesta cantiga, o cenário representado pela Fontana (fonte) que indica o local de encontro dos namorados, onde a velida lava os cabelos. Temos a figura do cervo, elemento viril que pode representar o próprio namorado ou sugerir sua presença. Segundo Araújo e Fonseca (2015), os cabelos representam a virgindade e a fonte é símbolo de fertilidade; lavar os cabelos na fonte significa que a donzela estaria expondo sua virgindade. Ainda segundo os autores, a construção psicosssexual do cabelo associado à virgindade, tem recorrência no imaginário medieval no conhecido topos do *Hortus Conclusus*. Trata-se de uma alegoria da virgindade mariana, um simbolismo da Virgem Maria, cujo jardim era chamado Paraíso. Na Idade Média, a Virgem Maria era representada dentro de um jardim murado. Em algumas cantigas eróticas de autoria de Salomão, a noiva, ainda não deflorada, não é somente o *Hortus conclusus*, mas a corrente fechada, a fonte selada (ARAÚJO; FONSECA, 2015).

Muito do que foi citado anteriormente sobre a imagem da mulher, ou seja, que ela deve possuir castidade, para ser boa, aquelas que “violam” essa castidade, e partem para um sentimento mais carnal (em *Noite na Taverna* considerado um ato diabólico e satanizado) são evidenciadas como mulheres más. Nesse sentido, pareceu-nos que a mulher boa e a mulher má, uma constante da natureza feminina e marca de sua dualidade histórica, reprisam-se em *Noite na Taverna*.

4. A dualidade feminina em *Noite na Taverna*

As mulheres presentes em *Noite na Taverna*, como já dito nos tópicos anteriores, possuem personalidade marcante, visto que esta se desenvolve com uma dualidade, ou seja, as personagens femininas apresentam e desempenham ações ora boa, ora más. Outra característica marcante dessa narrativa, que envolve as personagens, dá-se pelo fato de que, na maioria das vezes, essas mulheres são evidenciadas através de elementos da natureza, tais como a lua, o vento, as flores e expostas em suas belezas, assim como nas cantigas de amor e de amigo dos cancioneiros portugueses em que o trovador relaciona ideias acerca do corpo feminino e expedientes temáticos, como a manifestação religiosa imanente a elementos da natureza como mar, floresta, animais, presentes no simbolismo medieval.

Essas particularidades que envolvem a natureza acentuam o fato de que as mulheres nos contos de *Noite na Taverna* são como deusas. Este termo está relacionado à

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

beleza suprema das mulheres, contudo é neste ponto que se concretiza a dualidade mais marcante de *Noite na Taverna*, visto que, mesmo sendo exaltadas como musas e deusas, ou seja, algo bastante angelical e puro, as mulheres são marcadas também com ações bastante carnais, relacionadas ao desejo sexual, relacionado ao que é pecaminoso.

Segundo Polyanna Everdeosa (2009, p. 13 n.2), “Esta musa convencional a qual nos referimos trata-se da mulher inacessível e etérea, que mesmo quando provoca dor é sempre através de sua beleza inquestionável e virginal”, sendo ao mesmo tempo causadora de dor e sofrimento e adorada por sua beleza e virgindade.

No primeiro conto, intitulado *Uma noite do século*, o foco principal se estabelece nos homens da narrativa, não há destaque para a personagem feminina. Contudo elas se fazem presentes, visto que logo no início o autor já descreve as mulheres do ambiente de forma marcante: “Não vedes que as mulheres dormem ébrias, macilentas como defuntos? Não sentis que o sono da embriaguez pesa negro naquelas pálpebras onde a beleza sigilou os olhares da volúpia?” (AZEVEDO, 2018, p.13). Apresenta-se também nesta parte da obra uma taverneira, contudo a binomia das personagens femininas se estabelece na narrativa a partir do momento em que os homens relatam suas histórias.

4.1 A cataléptica

Dando continuidade e apresentando o conteúdo de interesse deste artigo, no caso a dualidade feminina, pode-se destacar o conto intitulado “Solfieri” que apresenta binomias. A mulher neste conto não tem seu nome revelado, contudo Solfieri a define como uma estátua. Vale a pena ressaltar que, para o Catolicismo, a estátua tem a simbologia de anjos e santos, ou seja, de santidade e de extrema beleza. Entretanto, esta mulher é evidenciada logo em seguida da seguinte forma: “Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.” (AZEVEDO 2018, p. 19). O que antes era assemelhado a uma estátua, por sua beleza, passou a ser descrito com características sombrias, numa alusão ao gótico.

Para entender a dualidade que se desenvolve neste conto, é necessário relatar que a mulher narrada por Solfieri sofre de catalepsia (doença na qual o corpo fica imóvel por um período indeterminado devido à rigidez dos músculos). Pode-se dizer que, neste conto,

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

acontece um possível caso de necrofilia, ou seja, ter relação sexual com um cadáver, contudo, como já foi dito acima, o leitor fica sabendo que a mulher sofria de catalepsia. A moça está em um caixão e Solfieri tem uma ideia perdida:

Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados ...Era uma **defunta!**!...[...] – Era o **anjo** do cemitério? [...]. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Era ela bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o novo despe à noiva. Era uma forma puríssima. Meus sonhos nunca me tinham evocado uma **estátua** tão perfeita.

Era mesmo uma estátua: tão branca era ela [...] a **donzela** pálida parecia reanimar-se. (AZEVEDO, 2018, p. 20-21, grifo nosso).

As partes grifadas evidenciam que a mulher se encontra na condição de uma defunta e, logo em seguida, passa a ser associada a uma donzela. A pessoa que sofre de catalepsia está sujeita a qualquer momento de entrar num estado de imobilidade, e ser dada como morta, mesmo ainda estando em vida, este é o caso da “amada” de Solfieri.

Sobre a falta de mobilidade, aspecto que aproxima a amada de Solfieri às mulheres das cantigas de amigo, é uma das características que apontam a mulher presa aos sentidos, ora submissa ou subalternizada, em um espaço de confinamento. A dualidade ocorre, a nosso ver, neste aspecto, pois a donzela não tem direito a voz, pois é a voz de Solfieri que a simboliza do jeito que ele a deseja.

4.2 Ângela

O terceiro conto traz a história contada por Bertram, na qual a dualidade se torna perceptível logo de início, uma vez que a mulher evidenciada possui o nome de Ângela e esta nomeação faz referência à palavra anjo. Contudo, as ações dessa personagem feminina não se assemelham às ações que se espera dos anjos, mas sim a ações satanizadas.

Tendo em vista todas as narrativas desta novela é possível dizer que este conto é o mais emblemático e marcante da obra, uma vez que a história contada contém três mulheres e envolve diversos elementos duais. Especialmente, o foco da dualidade se dá na personagem Ângela que tem ações controversas.

O amor entre Bertram e Ângela tem início na cidade de Cadiz, na Espanha. Quando começa a relatar suas vivências com a mulher, Bertram já exalta a sua beleza e utiliza

de diversos elementos da natureza para descrever a figura feminina. Assim, a narrativa escrita por Álvares de Azevedo (2018, p. 26-27) apresenta a imagem de Ângela da seguinte forma:

Havia em Cadiz uma donzela – linda daquele moreno das Andaluzas que não há vé-las sob as franjas da mantilha acetinada, com as plantas mimosas, as mãos de alabastro, os olhos que brilham e os lábios de rosa d’Alexandria – sem delirar sonhos delas por longas noites ardentes!
Andaluzas! sois muito belas! se o vinho, se as noites de vossa terra, o luar de vossas noites, vossas flores, vossos perfumes são doces, são puros, são embriagadores – vós ainda sois mais!

Ao se deparar com essa passagem da narrativa, o leitor imediatamente associa a imagem da mulher como a de uma pessoa pura e serena, assim como uma figura feminina que parece estar associada somente ao que é bom, os elementos da natureza citados nos dão essa sensação. Todavia esta caracterização suave e tão melancólica da figura feminina não reflete em suas ações, uma vez que a amada de Bertram mata seu marido e seu próprio filho, o que a torna uma “infanticida” (AZEVEDO, 2018).

Aqui a dualidade se manifesta de forma explícita, visto que quem antes era caracterizada como uma donzela torna-se uma assassina. Novamente, têm-se neste ponto as contradições relacionadas ao bem e ao mal. Na maioria das vezes, esta oposição remete a particularidades religiosas, como ocorre no conto, visto que as três personagens femininas citadas por Bertram cometem assassinato, traição ou suicídio. Contudo, antes dessas ações, essas mulheres eram consideradas puras, santas ou associadas a anjos.

Everdosa (2009, p. 52) afirma que “[se] para Igreja Católica Romana existe Eva como premissa do mal e Maria, intercessora pela alma dos homens, no paganismo, a Deusa possui uma face que doa, mas também é cruel”, ou seja, existe nas personagens de *Noite na Taverna* um lado voltado para Maria e outro voltado para Eva. Esses dois lados são expostos durante a narrativa e caminham lado a lado, visto que se alteram com o decorrer das cenas. Em certo momento de sua narrativa, Bertram utiliza de expressões religiosas para caracterizar a mulher e a ele mesmo: “[...] eram os amores de Satan e Eloá, da morte e da vida, no leito do mar.” (AZEVEDO, 2018, p. 35). A expressão Eloá utilizada para designar a figura feminina tem bastante significação, uma vez que este nome, para o cristianismo, remete à imagem de um anjo e, em hebraico, significa Deus.

4.3 Laura e Nauza

O quarto conto da obra apresenta a história contada por Gennaro, um jovem pintor, que se encontrava na casa de um senhor para ser aprendiz. Entretanto, a presença de duas mulheres mudou o rumo da história. Assim como nos outros contos, as personagens femininas são associadas a elementos da natureza e a aspectos que representam a pureza da mulher, como por exemplo, quando relacionadas a um anjo. Antonio Candido (2000, p. 165) ressalta que

É por toda a sua obra, uma sensação geral de evanescência, de passagem do consciente ao inconsciente, do definido ao indefinido, do concreto ao abstrato, do sólido ao vaporoso, que aparece na própria visão da natureza, no qual opera uma espécie de seleção, elegendo os aspectos que correspondem simbolicamente a estes estados do corpo e do espírito [...]

Dessa forma, a partir do postulado de Antonio Candido, torna-se verossímil afirmar que a obra apresenta em todos os capítulos uma visão da figura feminina que se assemelha: “virgem ou rameira, a mulher aparece na sua obra com a força obsessiva que tem na adolescência” (CANDIDO, 1981, p. 184).

Dando continuidade às mulheres da história de Bertram, elas vivem conflitos significativos. A jovem Laura “corada como uma rosa, e loira como um anjo” (AZEVEDO, 2018, p. 46) representa o lado puro da mulher, a figura feminina fazendo referência ao belo e a características de Maria. Laura era virgem e possuía honra. Na narrativa de Bertram, a jovem é apresentada como nos contos anteriores como uma donzela. Segundo Costim e Novochadley (2015, p. 41),

[...] donzela remete à pureza, donzela é a mulher que nunca teve experiências sexuais, porém, mesmo virgem, esta moça não é totalmente inocente, pois ao saber das intenções do eu lírico, seus seios tremem, palpitam, parecem falar do que a moça sente, e ela sente desejo, ou pelo menos, curiosidade, caracterizando uma certa malícia.

A citação de Costim e Novochadley (2015) é pertinente e coaduna com a nossa ideia de investigar a imagem feminina das personagens de *Noite na Taverna* e compará-las com os perfis femininos da mulher das cantigas de amigo. A comparação oferece-nos uma possibilidade de entender a imagem da mulher sedutora, de corpo erotizado por adjetivos e imagens que a descrevem no sono ou na orgia, com os seios palpítantes, sedenta de desejos,

preparada para o contato amoroso, como se à espera do amado, características que apontam a mulher presa aos sentidos.

Ademais, há a mudança da personagem Laura, visto que ela deixa de ser uma donzela, pura e honrada. Ao sentir um desejo carnal por Gennaro, ela o procura e eles acabam se relacionando sexualmente: “[...] a primavera virginal de uma beleza, ainda inocente, o **seio seminu** de uma **donzela** a bater sobre o meu [...] Todas as manhãs Laura vinha a meu quarto...” (AZEVEDO 2018, p.47, grifos nossos).

O amor deles durou três meses, ao cabo dos quais Laura engravidara e conversa com Gennaro para que se casasse com ela. Mas o jovem está apaixonado por Nauza e não cede ao remorso de não se casar com Laura. Desonrada e grávida, a filha do pintor passa a viver momentos sombrios e deixa de ser evidenciada como a donzela pura, para possuir características sublimes: “Seu sorriso era frio: cada dia tornava-se mais pálida, mas a gravidez não crescia, antes mais nenhum sinal se lhe notava” (AZEVEDO, 2018, p.48). Antes de morrer, Laura perdoa Gennaro, mas conta a ele que se tornara uma infanticida por causa dele.

Já Nauza representa o lado carnal, ou seja, a mulher que satisfaz de forma demasiadamente marcante os desejos dos homens. Mesmo sendo associada à “primavera cheia de flores”, a personagem tem atitudes controversas à simbologia das flores, que representam pureza, visto que ela comete adultério. É necessário entender que há uma divergência entre o amor das personagens em evidência. Segundo Ervedosa (2009, p. 50-51):

Devemos esclarecer que há o feminino da mulher adulta e há o feminino da menina, e esse feminino da mulher adulta é sublime, com a força de um herói medieval sempre em defesa da própria honra. Fica extremamente clara a diferença entre o amor que Gennaro cultiva por Nauza, mulher de seu mestre, e a leve afeição que sente por sua jovem filha Laura. Esta é bela, no entanto, não é merecedora do amor de Gennaro, uma vez que frente a Nauza a menina apaga-se. [...] Nauza é quem traz Gennaro à vida adulta.

Temos aqui uma dualidade entre as personagens, posto que a menina representa a imagem feminina pura e angelical, já Nauza representa o lado carnal. O curioso é que essa dualidade representa a ambivalência feminina, a partir de elementos que a configuram ora como submissa ora como sedutora e, nesses dois polos, converte-se a sua sobredeterminação.

4.4 Eleonora

A figura feminina que recebe destaque neste conto é a duquesa Eleonora. Acreditamos que este seja o conto que mais envolve aspectos religiosos do cristianismo, visto que, a todo o momento, a figura feminina é associada à Maria ou aos anjos. A beleza de Eleonora é extremamente pontuada nesta parte, assim como a pureza, a virgindade e sua suavidade que se faz presente por toda narrativa. Álvares de Azevedo (2018, p. 60) discorre sobre a personagem nas falas de Claudius da seguinte forma: “– bela como tudo quanto passa mais puro à concepção do estatuário. Essa mulher era a duquesa Eleonora [...] Parecia uma fada que dormia ao luar”.

Entre esses qualificativos, notamos a adoração que Claudius sente pela duquesa. A exemplo das cantigas de amigo, temos imagens da mulher perfeita, com atributos oriundos da Virgem Maria. A dualidade é justamente esses qualificativos com a imposição de elementos ideológicos e culturais que marcam como feminino ou típicos da mulher, certas características que seriam próprias de sua natureza. E a fidelidade é um dos qualificativos atribuídos à mulher perfeita, como Penélope que esperou o marido durante 20 anos.

A figura feminina deste conto é exaltada por sua beleza, assim como é representada através de expressões de cunho religioso. Suas ações também são baseadas num caráter, no qual remete à figura da Virgem Maria, posto que, após ser sequestrada por um desconhecido, no caso Claudius Hermann, ela continua garantindo ser fiel ao seu marido e faz uma súplica a Deus por estar em tal situação “– Meu Deus! meu Deus! por que tanta infâmia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! por que maldissestes minha vida, por que deixaste cair na minha cabeça uma nódoa tão negra?” (AZEVEDO 2018, p. 69). Contudo, mesmo rogando a Deus e à Madona que significa Virgem Maria, a mulher prefere a morte a permanecer ao lado do homem que a sequestrou.

4.5 Giórgia

Para analisar esta última personagem, faz-se necessário estabelecer relação entre as duas últimas histórias da novela, visto que a figura feminina Giórgia se apresenta em ambas. Entretanto, o ato de mais notoriedade sucede-se no último conto. Assim como Ângela, a personagem Giórgia é satisfatoriamente emblemática, em virtude de que ela vive situações

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

conturbadas e, diferentemente dos outros contos, aqui a mulher não possui uma descrição detalhada.

A figura feminina, nesta história, é descrita como moça pura e virginal, tornando-se depois uma prostituta. Nesse sentido, o aspecto dual está associado numa mesma mulher, assim como ocorre uma junção de duas histórias, a de Johann que na narrativa é marcada por um acontecimento do passado, em que ele mata o próprio irmão e tira a virgindade de sua irmã sem o saber, e o último conto, “Último beijo de amor”, que se passa dentro da taverna. Contudo, o desenrolar do conto se dá em virtude das vivências do passado de Johann e Giórgia, levando-a a se vingar do irmão. De acordo com Antonio Candido (1987), nas narrativas mencionadas, podem ser notados a recorrência do verbo dormir com o sentido de posse ou o recurso a desmaio e desmaiar como expressão da plenitude amorosa. Nas cantigas de amigo, é recorrente a imagem da amiga, frágil, a desmaiar ou cair entre as flores, identificada com a natureza, submissa ao amigo e aparentemente sem mobilidade. O amor assim concebido se alegoriza entre o sagrado e o profano.

Nota-se, na história de Giórgia, que há também essa espécie de alegoria entre sagrado e profano, ao se tratar do incesto, da mácula sofrida pela personagem ao ser desvirginada pelo irmão, imaginando que se tratava de seu amado, com quem havia combinado um encontro. Antes de vivenciar tal situação, a moça foi associada a Julieta de Shakespeare, ou seja, uma menina pura, de beleza acentuada. Após ser desonrada por seu próprio irmão, torna-se uma prostituta. Segundo Pollyana Ervedosa (2009, p. 69):

Não haveria sentido numa “educação” para a noite se esta não pertencesse ao feminino e ao misterioso. Essas personagens que são um tanto Julietas [...]. Elas possuem sua carga de deusa vingativa, e vingam-se nem que seja através da lembrança póstuma. São fantasmas pulsantes e obsessores.

É exatamente isso que acontece na história de Giórgia, a personagem, após se tornar uma prostituta, passa cinco anos à procura de vingança, acaba assassinando seu irmão e cometendo suicídio. Um aspecto curioso e bastante peculiar neste conto se dá pelo fato de que, mesmo após se tornar uma prostituta, possuir um desejo de vingança e colocá-lo em prática, Giórgia é associada a um anjo: “o anjo perdido da loucura” (AZEVEDO, 2018, p. 86).

5. Considerações finais

Após realizar a leitura de diversos artigos relacionados às produções literárias de Álvares de Azevedo, verificamos que existem inúmeros trabalhos sobre o autor. Nesse sentido, procuramos realizar um estudo voltado para as personagens femininas de *Noite na Taverna* e sua relação com as cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses, cujo período de atividade poética remonta à Idade Média.

Levando em consideração os estudos realizados sobre a dualidade feminina em *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, e a estabelecida nas cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses, tornou-se possível afirmar que existem diversas semelhanças entre ambas. Essas semelhanças revelam a complexidade de ação das cantigas de amigo, colocando-as em um mesmo patamar que a novela de Álvares de Azevedo selecionada para este artigo. Isso ocorre porque as cantigas apresentam uma forma narrativa que integram e relacionam personagens, tempo, ação e espaço, elementos próprios do gênero narrativo.

Outra marca de semelhança entre a narrativa romântica de Álvares de Azevedo e as cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses é que ambas apresentam em algumas passagens desde um amor físico e inocente até as complicações resultantes da valorização social da virgindade feminina, como vimos no conto “Johann” e “Último beijo de amor”.

Em relação a essa dualidade, entendemos que ela pode ser melhor observada se levarmos em consideração os ideais construídos pela Igreja Católica em relação aos preceitos morais, visto que, na maioria das vezes, as imagens de Maria (mulher boa) e Eva (mulher má) são apresentadas. As semelhanças encontradas entre essas obras evidenciam que a mulher desde tempos medievais é vista de uma forma conturbada e complexa, posto que quaisquer que sejam suas ações elas serão julgadas, seja por seguir os preceitos da imagem da Virgem Maria e ser pura, ou por seguir os ideais de Eva e se entregar aos desejos carniais.

Notamos também outra aproximação relacionada à ambiguidade feminina. A natureza tem bastante espaço na descrição das personagens femininas e, de certa forma, representam as personalidades delas. Em *Noite na Taverna*, o autor utiliza expressões de caráter natural para descrever as mulheres boas, tais como as flores, a lua, o sol, o céu, as nuvens, assim como outros diversos vocábulos que remetem à natureza.

Em contrapartida, Álvares de Azevedo utiliza-se também desses recursos para descrever a mulher essencialmente má. Entretanto, essas expressões aparecem acompanhadas

FERREIRA, Juliana Almeida; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **A DUALIDADE FEMININA EM NOITE NA TAVERNA DE ÁLVARES DE AZEVEDO.**

de adjetivos negativos ou que representam o lado sombrio, como, por exemplo, flores murchas, aves da noite, o frio, entre outras.

Similarmente nas cantigas de amigo, a natureza também se faz presente na representação feminina. Araújo e Fonseca (2015) observam ideias acerca do corpo feminino e os recursos utilizados pelos trovadores, como figuras de linguagem e pensamento, em que o lavar dos cabelos e elementos da natureza como mar, florestas, animais, nos hábitos de festas religiosas, de danças e bailados revelam o corpo erotizado com inspiração na mulher. Ademais, a natureza com elementos como fontes, ribeiras, mar, cervos e cervas são metáforas do ambiente erotizado em que a mulher é fruto a ser saboreado como o da avelaneira florida, mostrando a disponibilidade da amiga e a dualidade do paradoxo feminino, sintonizado no precário equilíbrio entre imagens antagônicas, mas complementares, de Ave e Eva.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Márcia Maria de Melo; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Mulher medieval e trovadorismo galego-português: o feminino e a feminização nas cantigas de amigo*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015.
- AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. *Noite na Taverna*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BASTOS, Alcmeno. *Poesia brasileira e estilos de época*. 3. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- COSTIM, Chrystian Andrey; NOVOCHADLEY, Solange. *A dualidade da personalidade feminina na poesia de Álvares de Azevedo*. Pato Branco: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2015.
- ERVEDOSA, Polyanna. *O feminino e a fragmentação amorosa em Noite na Taverna*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

Recebido em 16/11/2021
Aprovado em 20/12/2021